

# TRAJETÓRIAS E PROTAGONISMO DE MULHERES DENTRO DA UNIVERSIDADE: UM OLHAR DE CURA E LIBERTAÇÃO FEMININA

Amanda Mendes Soares<sup>1</sup>  
Fernanda Priscila Alves da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compartilhar os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, sobre as trajetórias e protagonismo de mulheres amazônidas, estudantes da Universidade Federal do Amazonas, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia-ICESZ, na cidade de Parintins, Amazonas. Em termos metodológicos, esta pesquisa nasceu a partir de uma inquietação da autora, que por sua vez, é uma mulher estudante amazônida que também teceu a sua história por meio de outras mulheres. Dessa forma, a autora convidou 10 estudantes que fizeram parte de um grupo de estudos de narrativas de si, de forma seleta, tendo discentes de diferentes cursos na faixa etária de idade entre 20 a 35 anos, sendo 7 mulheres e 3 homens amazônidas, pretas (os), indígenas, quilombolas e LGBTQIAPN+. A proposição da formação do grupo, enquanto estratégia metodológica, se constituiu nesta pesquisa como lócus de desenvolvimento do estudo. Neste espaço, os sujeitos narraram suas trajetórias escolares, vivências e construção de si. Por isso, em termos metodológicos e epistemológicos trata-se de uma pesquisa que parte da perspectiva crítica, dialógica e interativa por considerar a Universidade como espaço atravessado por diferenças e diversidades, contradições e possibilidades. Enfatizamos, portanto, que a metodologia está ancorada na perspectiva de pesquisas (auto)biográficas (Passeggi, Souza; Vicentini, 2013), narrativas de si (Josso, 2004) e epistemologia feminista negra (Collins, 2019), tendo como referência teórica principal Bell Hooks (2020,2019). Destacamos a importância da pesquisa (auto)biográfica neste estudo, bem como o pensamento feminista negro, como grande propulsor do reconhecimento das mulheres negras como agentes de conhecimento da realidade e da própria vida. O pensamento feminista negro, para Collins (2019), constitui um projeto de conhecimento que examina a produção intelectual das mulheres negras (em nosso caso, também mulheres indígenas e amazônidas) em resposta aos desafios específicos enfrentados em suas realidades.

**Palavras-chave:** Trajetórias; Cura; Libertação; Mulheres; Protagonismo.

## INTRODUÇÃO

A presença de mulheres dentro das universidades está acompanhada de uma dimensão social muito além das questões de gênero, estão entrelaçados a todos os fatores que implicam em suas participações dentro das instituições e que recorrentemente refletem nos desafios de

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Campus Parintins, AM. E-mail: [amanda.soares@ufam.edu.br](mailto:amanda.soares@ufam.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora titular no Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Campus Parintins, AM. E-mail: [feracatejo2@gmail.com](mailto:feracatejo2@gmail.com)

permanência dentro desses espaços. Devemos entender que as salas de aula das universidades abarcam muito mais do que meras cidadãs em formação, englobam uma diversidade de trajetórias de vidas marcadas por raízes violentas, racistas, misóginas, desiguais e discriminatórias.

Mas em até que ponto essas trajetórias são ouvidas e tidas como modo de protagonismo? Muito se fala sobre oferecer práticas educacionais que sejam pontes emancipatórias, libertadoras, no entanto, é preciso analisar de que forma isto é viabilizado dentro das universidades, se de fato estendem, para mulheres, um olhar de sujeitas, e não como objetos do processo.

bell hooks (2017) trabalha com o conceito de pedagogia engajada enfatizando valorização da expressão do aluno, respeitando e protegendo sua essência e sua história, a fim de tocar o seu íntimo e propiciar uma melhor experiência de aprendizagem. Essa pedagogia engajada é a possibilidade de estabelecer um campo seguro e acolhedor para que mulheres, sejam elas pretas, indígenas, quilombolas, amazônidas, mães, LGBTQIPA+, estudantes, militantes e feministas, vejam na diversidade e na universidade, um local que as entendam muito mais além dos parâmetros institucionais. Um ambiente onde contenha espaço de fala e escuta, para que nesse processo se sintam incentivadas a começar suas fases de curas e libertação, entendendo suas trajetórias escolares e se encontrando entre seus atravessamentos, formando um fortalecimento e protagonismo coletivo entre mulheres.

A pedagogia engajada parte da realidade de cada estudante, visando à participação integral de cada um, em um trabalho de vias duplas para possibilitar uma comunidade de aprendizagem múltipla e diversa. São através dessas comunidades de aprendizagem que veremos o movimento de ação da construção do pensamento crítico e do soar de vozes que querem se libertar das amarras impostas em suas trajetórias. Dessa forma, este trabalho visa observar as vivências e experiências dentro de um grupo de estudos que trabalha e encoraja essas múltiplas facetas femininas dentro de universidades públicas, em Parintins-AM, fazendo um diálogo com as ideias visionárias de bell hooks.

## **METODOLOGIA**

Em termos metodológicos e epistemológicos trata-se de uma pesquisa que se fortaleceu na perspectiva crítica, dialógica e interativa por considerar a Universidade como espaço atravessado por diferenças e diversidades, contradições e possibilidades. A metodologia foi desenvolvida considerando as seguintes etapas: na primeira etapa foi realizada revisão de literatura e estudo da arte sobre estudos que tratem do protagonismo das mulheres na universidade e obra de bell hooks e Paulo Freire, autores fundamentais no presente estudo; no segundo momento foi fomentada a construção de um grupo de estudos e narrativas/escritas de si com estudantes que aceitaram contar e narrar suas trajetórias de vida e escolarização, e no terceiro

momento, foram realizadas as análises e levantamento das categorias emergentes no processo de escrita e narrativa de si, tanto da autora do estudo aqui apresentado quanto dos estudantes, professores em formação participantes de grupo/ comunidade de aprendizagem.

Sendo assim, esta pesquisa nasceu a partir de uma inquietação da autora, que por sua vez, é uma mulher estudante amazônida que também tece a sua história por meio das narrativas dialógicas com as de outras mulheres. Dessa forma, a autora convidou nove estudantes para fazerem parte de um grupo de estudos de narrativas/escritas de si, de forma seleta, tendo discentes de diferentes cursos na faixa etária de idade entre 20 a 35 anos, sendo seis mulheres e três homens amazônidas, pretas (os), indígenas, quilombolas e LGBTQIAPN+. O grupo se reuniu uma vez ao mês e contou com a partilha de trajetória de vida e escolarização de um membro participante. Após a partilha, fez-se a socialização sobre a narrativa ouvida e eram levantados pontos em comum, de encontros e desencontros.

Enfatizamos, então, que a metodologia está pautada na perspectiva de pesquisas (auto) biográficas (Passegi, Souza; Vicentini, 2013), narrativas de si (Josso, 2004) e epistemologia feminista negra (Collins, 2019), tendo como referência teórica principal bell hooks (2020,2019). De um lado, tivemos como base os princípios epistemológicos e metodológicos da pesquisa (auto) biográfica em Educação que adotam como pressuposto as narrativas de si, orais e escritas de si e de outro, o pensamento feminista negro, como grande propulsor do reconhecimento das mulheres negras como agentes de conhecimento da realidade e da própria vida. O pensamento feminista negro, segundo Collins (2019), constitui um projeto de conhecimento que examina a produção intelectual das mulheres negras (em nosso caso, também das mulheres indígenas) em resposta aos desafios específicos enfrentados em suas realidades.

Para fins de análise de dados, considerados as anotações, o diário de campo, as conversas e encontros do grupo de estudos. As escritas e narrativas de si da autora e dos demais participantes configuram o modo de coleta de dados neste estudo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Comunidade de aprendizagem dentro do grupo de estudos: trajetórias, protagonismo e quebra de silêncios**

O grupo de estudos surge na tentativa de pensar em um espaço seguro e confortável para que estudantes pudessem construir e reconstruir novos saberes, debater sobre pontos que permeiam a esfera social, onde pudessem fazer partilhas de suas trajetórias, fortalecimentos e protagonismos. Um espaço humanamente revestido de acolhimento para se pensar o eu, o nós, eles e elas. Mas como poderíamos construir de tal maneira que fugisse do habitual da Universidade, sem formalidades, sem prazos prévios, cobranças e julgamentos rasos?

É nesse movimento de perguntas que o grupo de estudos se ampara nas ideias de bell hooks para que este não seja somente um “grupo de estudos”, mas sim uma comunidade de aprendizagem pautada em uma pedagogia engajada. Comunidade de aprendizagem e pedagogia engajada são dois conceitos cunhados por bell hooks (2020), teórica feminista, professora, autora, inquieta com a luta antirracista estadunidense. Sua obra tem nos apresentado perguntas sobre quem somos, processos de aprendizagem, protagonismo e engajamento, sobretudo, a partir das experiências e vozes de mulheres e pessoas negras.

A pedagogia engajada cria um ambiente, nesse caso a comunidade de aprendizagem, em que o/a aluno/a pode performar de maneira íntegra, por inteiro, sem disfarces e livres do medo do erro, do julgamento. A pedagogia engajada para hooks (2020) é uma estratégia de ensino que busca instigar o pensamento crítico do/a aluno/a, trazendo para roda os saberes particulares de cada um, possibilitando o reconhecimento de novas perspectivas, a desconstrução de conceitos e reconstrução de novos.

Dentro dessa comunidade de aprendizagem, todos podem ser vulneráveis, sensíveis e falhos. Todos partilham, analisam e debatem em um movimento coletivo, de participação mútua e, conseqüentemente, de evolução, aprendizados e compartilhamento de saberes. hooks (2020) defende o processo de compartilhar, conhecer e receber histórias uns dos outros, pois acredita que dessa maneira construiremos uma conexão íntima de nossas mentes e nossos corações, ou seja, sendo propriamente uma comunidade de aprendizagem.

É nessa perspectiva que valorizamos, na presente pesquisa, trajetórias de mulheres diversas que fazem parte de nossa comunidade de aprendizagem. A cada trajetória de vida, percebemos a importância de nos permitirmos olhar umas às outras além das aparências, além de suas defesas para esconder aquilo que as silenciam.

### **Dizer a própria palavra: movimentos de cura e libertação feminina**

A pobreza, a fome, a violência, a discriminação, o preconceito, o abandono. Em cada palavra, uma forma de silenciamento. Dizer a própria palavra deveria ser fácil, afinal, é a sua palavra. Se fosse fácil, não existiriam tantos silêncios seguidos de reticências. Dizer a sua palavra tem sido um conceito presente em toda a obra de Paulo Freire e significa transformar o mundo. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1970) denuncia e reconhece as situações-limites presentes no mundo e na educação, de modo que o sistema de exploração ao qual estamos inseridos tem inviabilizado a possibilidade de muitos sujeitos de “ter voz” ou ainda de “dizer sua palavra”. Assim, “dizer a palavra, nesta perspectiva, é um direito humano de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir e optar, não podendo ser privilégio de alguns poucos que dominam a maioria” (Bastos, 2008, p.145).

Mas dizê-la e afirmá-la é a certeza de que vivenciará novamente o caminho pelo qual calou você todo esse tempo. No entanto, “falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma

autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma sujeito.” (hooks, 2019, p.45). Mesmo que o processo seja doloroso, é necessário falar, pois somente assim nos tornaremos sujeitas de nosso processo, teremos voz, logo, teremos força. A partir desta força, o processo de cura flui na certeza de que, gradualmente, as feridas se cicatrizarão e já não machucará na mesma proporção de antes, de quando aquela dor ficava em um lugar tão profundo que era difícil de ser palpável, mas passivamente agressivo em suas particularidades.

Identificar a voz de sujeita é a possibilidade de renascimento de uma mulher livre. hooks (2020, p. 38-39):

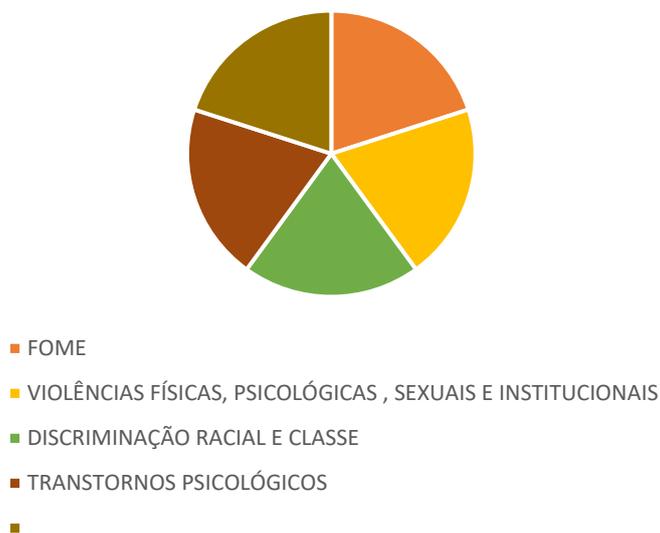
Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio de cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito- a voz liberta.

É por tamanha essencialidade que analisamos as trajetórias de escolarização de cada uma das participantes. De fragmento em fragmento, percebemos ondas sonoras de nossas vozes perdidas em meio aos anseios que carregamos. Aos medos e monstros que fantasiam nossos opressores.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

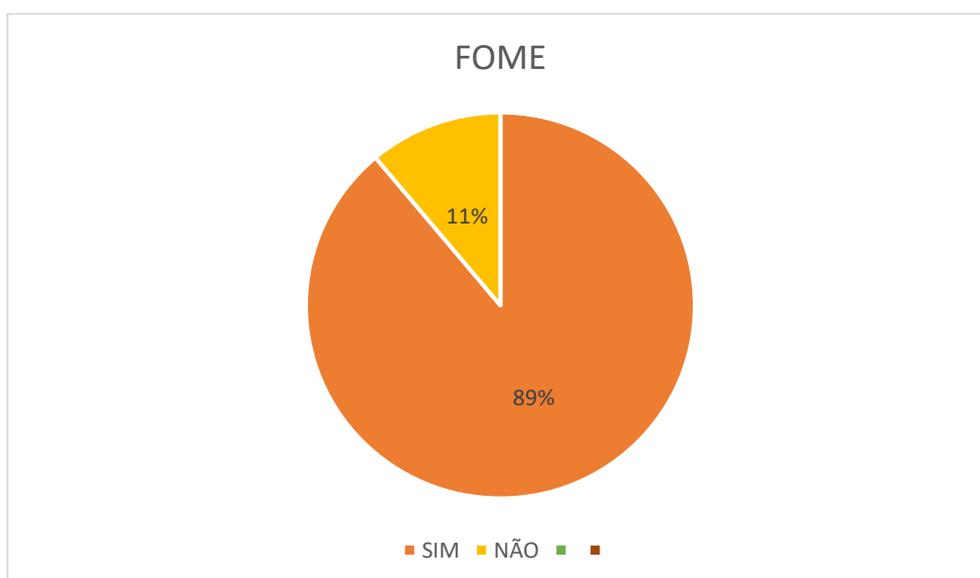
### **O que as trajetórias nos revelam?**

### MARCADORES SOCIAIS ENCONTRADOS NA PESQUISA



O projeto sobre as trajetórias de estudantes na universidade envolveu a participação de nove indivíduos, sendo seis mulheres e três homens. A análise das experiências relatadas revela um panorama complexo e multifacetado das adversidades enfrentadas por esses estudantes, refletindo aspectos profundos de suas vidas, incluindo fome, violências físicas, psicológicas e sexuais, discriminação racial e de classe, e transtornos psicológicos, como representados no gráfico acima.

### Fome na Infância e na Vida Familiar



Dos nove participantes, oito relataram, tanto por meio de partilhas durante encontros, quanto nas suas trajetórias, ter enfrentado períodos de fome durante a infância ou em momentos críticos da vida familiar. A fome é um fator crucial que pode ter impactos de longo alcance no desenvolvimento psicológico, social e acadêmico dos indivíduos. Para muitos, a falta de alimentos suficientes não é apenas uma questão de privação física, mas também um reflexo das desigualdades econômicas e sociais.

A experiência de fome nos leva a sentimentos de insegurança e ansiedade. Para os estudantes, essas experiências podem criar uma sensação persistente de instabilidade e medo. A fome marca nossas vidas e nossos corpos, brinca com nossa dignidade e força de vontade para tentarmos caminhos diferentes. Quem tem fome, tem pressa para sobreviver. A fome escancara uma ferida geracional, pois evidencia ciclos e ciclos familiares que compartilharam da fome e de más condições alimentares.

### **Violências e Seus Efeitos**

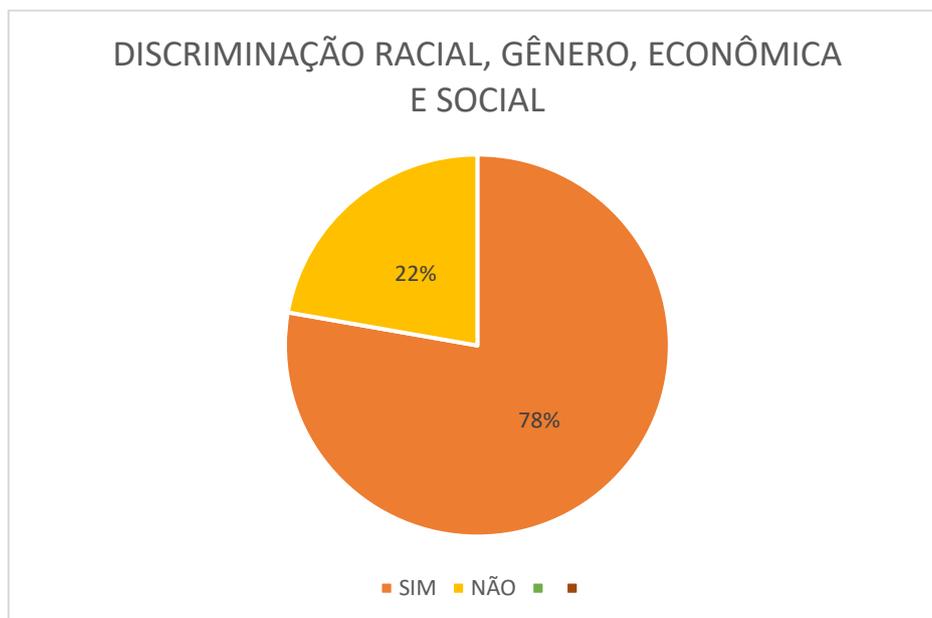


Todos os nove participantes relataram ter enfrentado diferentes formas de violência em suas trajetórias. Todos os corpos participantes deste estudo carregam marcas e feridas ainda abertas causadas pela presença da violência, seja na sua forma física,

psicológica e sexual. Em sua maioria, sofreram as primeiras violências durante a infância e se perpetuaram durante suas adolescências.

A recorrência de abusos sexuais na infância, foram maiores que quaisquer outros marcadores sociais presentes nas trajetórias. O fator principal observado nas análises é que seus agressores geralmente eram do convívio familiar ou de pessoas próximas. A recorrência em corpos femininos destacou violências como essas presenciadas por suas mães e avós. Corpos femininos sofrendo com a força dessa tentativa de homicídio espiritual, pois é assim que mulheres se sentem ao serem invadidas e violadas. Uma “quase morte” ou uma morte a passos lentos de sua alma.

### Discriminação e Seus Impactos

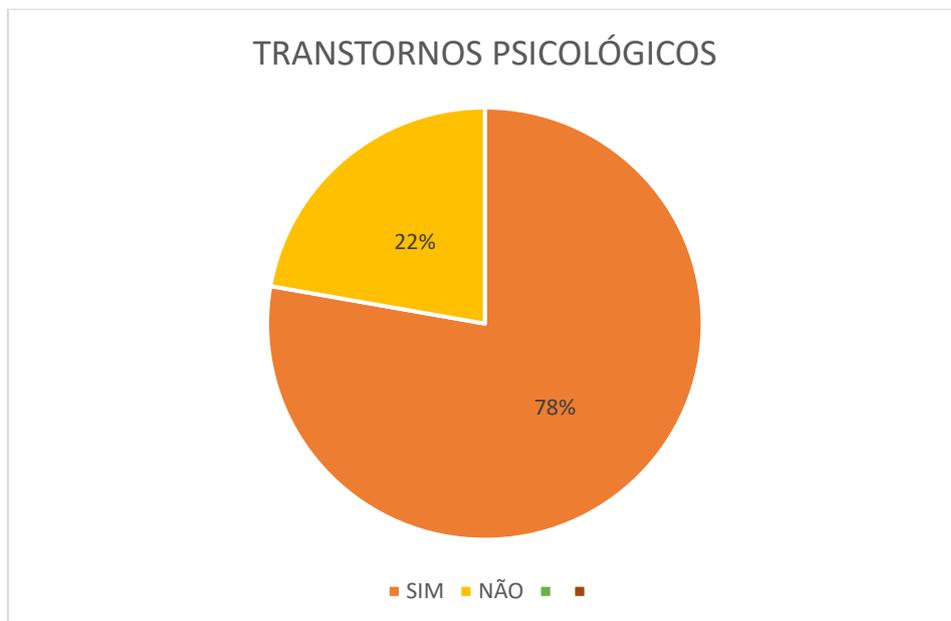


Sete dos nove participantes mencionaram ter vivenciado discriminação em suas trajetórias. A discriminação pode se manifestar de várias formas, incluindo discriminação racial, de gênero, econômica e social.

A discriminação racial, de gênero, econômica e social impactou profundamente a vida de estudantes, marcando suas trajetórias de maneira negativa e duradoura. A experiência de discriminação como relatadas nas trajetórias, seja através de olhares, piadas ou indiretas, não apenas prejudica a autoestima e a identidade desses estudantes, mas também os força a se conter e a adotar medidas extremas para evitar o sofrimento.

Quando um estudante enfrenta discriminação racial, a sensação de inadequação e exclusão é constante. Olhares de julgamento e comentários disfarçados de piadas não apenas afetam a confiança desses estudantes, mas também os fazem questionar seu lugar e valor dentro do ambiente acadêmico. Essa discriminação racial cria um ambiente hostil que corrói a autoestima, levando a uma luta constante para provar seu valor e merecimento. O sentimento de que não pertencem àquele espaço os levou a adotar comportamentos defensivos, como se isolar socialmente ou evitar atividades acadêmicas e sociais para minimizar o confronto com a hostilidade. Essas atitudes não são apenas um mecanismo de sobrevivência, mas também uma forma de evitar o desgaste emocional e a dor constante que acompanha o preconceito racial, dessa maneira silenciados.

### **Transtornos Psicológicos e Suas Repercussões**



Sete participantes relataram ter enfrentado transtornos psicológicos de diversas naturezas. Esses transtornos estão relacionados às experiências de fome, violência e discriminação que eles vivenciaram.

Todos os fatores elencados anteriormente contribuíram para que nossas mulheres e homens desenvolvessem problemas psicológicos por conta da carga de suas emoções e por guardarem tudo para si buscando ocultar momentos de suas vidas. Experiências adversas durante a infância e ao longo da vida, como fome e violência, estão fortemente associadas ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade e depressão. Esses

transtornos podem impactar a capacidade de se concentrar, manter relacionamentos saudáveis e ter um desempenho acadêmico satisfatório.

As análises das trajetórias nos demonstraram que grande parte dos transtornos desenvolvidos, se intensificaram no período da faculdade por conta da pressão imposta dentro da instituição. Sem a busca pela cura, pela fala e compartilhamento de histórias, é natural que uma hora tudo transborde, ainda mais com determinantes como os espaços da universidade que muitas vezes reafirmam nossas dores. Sem o pleno bem-estar dos estudantes, é desafiante estarem bem para executar suas atividades e impulsionarem suas aptidões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O grupo nos mostrou a dimensão necessária de se promover espaços como ‘comunidade de aprendizagem’ para reconhecê-las em meio a tantos impasses acadêmicos. bell hooks, ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredita que a construção da educação pode ser humanista, antirracista, anti-homofóbica, antissexista e seja capaz de reconhecer as vozes das pessoas, estimulando o senso crítico de si mesmos e da realidade em seu entorno. Reconhecer a própria voz, dizer a sua palavra é o caminho para criarmos pontes de cura e de liberdade para afirmação de histórias, o resgate de memórias e de lutas.

A análise dos dados recolhidos na pesquisa sobre a trajetória de vida de estudantes universitários destaca a complexa interseção entre suas experiências pessoais e seu desempenho acadêmico. Revelou que muitos desses estudantes enfrentam desafios severos e dores profundas, como traumas, a dureza da fome, violência, discriminações e preconceitos. Estas experiências moldam profundamente suas vivências na universidade e, conseqüentemente, sua atuação acadêmica.

Estamos falando de um contexto presente nas universidades, mas que refletem o nosso povo brasileiro para além desses corpos representados nesta pesquisa. A fome, a violência, a marca do abuso sexual, a precariedade de assistência social e de saúde

## **REFERÊNCIAS**

BASTOS, Fabio da Purificação. **Dizer a sua palavra**. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008, p. 144-146.

Collins, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1 ed. São PAULO: Boitempo, 2019.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução: Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

hooks, bell. **Erguer a própria voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

Souza, Elizeu Clementino de; Passegi Maria da; Vicentini, Paula Perin (org.). **Pesquisa (auto)biográfica**: Trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: Editora CRV, 2013.